

# Vasco, o campeão.

Um título ganho, contra um time tecnicamente superior

A cobertura do jogo é de Moacir Japiassu, Sérgio Baklanos (enviados especiais) e Altair Baffa (textos), Iarli Goulart, Fernando Bueno e Carlos Chicarino (fotos).



Primeiro gol do Vasco: Ademir chutando de pé esquerdo para o canto direito de Vitor.



Segundo gol do Vasco: Jorginho manda para o gol vazio, após ganhar a dividida com Vitor.

## Carnaval e lágrimas, na festa do campeão.

Naquele carnaval que se fazia no vestiário do Vasco, o único que se mantinha calmo era o técnico Mário Travaglini. Até que apareceu Zanata aos gritos ("Italiano, você merece este título porque é um cara sensacional"). Pouco depois, o presidente Agartino Gomes, chorando ("Mais do que ninguém aqui neste vestiário, você é o dono deste título... Mário. No final do ano, quando terminar seu contrato, vou insistir para que você fique no Vasco").

A partir deste momento, Travaglini tornou-se um dos componentes daquele bloco que empurrava e era empurrado, festejando a conquista do Campeonato Nacional de 74. Ele não perdeu a lucidez na análise do jogo, mas podia-se notar que sua voz saía ofegante e emocionada:

— O Vasco jogou um primeiro tempo perfeito. No intervalo, alertei para o perigo do Cruzeiro partir para cima da gente, o que realmente aconteceu, e cometemos um pequeno erro com o Ademir soltando um pouco o Zé Carlos. O empate foi num lance de sorte do Nelinho.

Alcir, capitão, do time, tinha os olhos inchados de chorar. Ele recebia muitos elogios, abraços e lágrimas dos companheiros:

O Vasco não tem um time de craques, mas a amizade que reina entre os jogadores está suprimindo possíveis falhas técnicas. Este título me pegou desprevenido emocionalmente, pensei que fosse cair em campo, fulminado por um colapso, quando o Armando Marques terminou a partida. O Miguel me amparou, por isso não cai no chão.

Miguel, gritava: — Foi um resultado mais do que justo. O Cruzeiro deu dois chutes em gol, e um time que dá dois chutes em gol não pode querer ganhar título.

A esta altura, o bloco lembrava o grito de guerra "Casaca, casaca, casaca; a turma, é boa é mesmo da fuzarca: Vasco, Vasco, Vasco..."

O time que derrotou o Cruzeiro ontem à noite no Maracanã, conquistando o título de campeão brasileiro de futebol, apagou de sua história a covardia de domingo contra internacional: O Vasco entrou em campo disposto a bater qualquer adversário e os 2 a 1 foram o reflexo da superioridade moral de uma equipe sobre a outra. O Vasco teve realmente onze homens em campo.

O Cruzeiro, que já comemorava o título desde domingo passado, depois do massacre contra o Santos, foi surpreendido desde o início da partida, pois enfrentava uma equipe segura na defesa, com um meio-campo rápido e penetrante e um ataque decidido a não jogar fora as suas chances.

O Cruzeiro atacava e o Vasco mandava na partida e isso aconteceu durante os primeiros 25 minutos. I-irecu Lopes corria o campo inteiro, trocava constantemente de posição com Roberto Batata, procurava envolver Alfinete no jogo veloz. O Vasco destruía os ataques adversários e partia com vontade para cima de uma defesa nervosa que sentia a responsabilidade da partida.

Foi numa dessas arrancadas velozes que surgiu o primeiro gol do Vasco, para espanto de Vanderlei. Zanata atrasou para Fidelis que chutou com violência; a bola tocou em Iarci Menezes e sobrou para Ademir, que bateu forte. Vasco, 1 a 0.

O gol deixou o Cruzeiro atrapalhado e o Vasco manteve o ritmo do jogo. Aos 20 minutos, Nelinho recebeu cartão amarelo, meio minuto depois foi a vez de Ademir; aos 21, Perfumo derrubou Roberto e o juiz percebeu que era preciso truncar a partida a cada falta, para levar o jogo até o fim. Aos 26 minutos, Jorginho marcou um gol bem anulado — estava completamente impedido. O Vasco mantinha o Cruzeiro apavorado, pois seus contra-ataques

pegavam sempre a defesa adversária de surpresa, e essa situação continuou até o fim do primeiro tempo.

No segundo, o Cruzeiro começou apertando mas aos 4 minutos quase saiu o segundo do Vasco: Jorginho aproveitou uma saída em falso do goleiro e pingou a bola na pequena área; Perfumo salvou quando Roberto se preparava para marcar. Aos 12 minutos, o Cruzeiro quase empatou, quando I-irecu correu pela direita e centrou; Batata cabeceou para fora, com Andradinha já vencido.

Aos 13, Joãozinho entrou no lugar de Palhinha e o Cruzeiro melhorou, mudando completamente as posições de seu ataque — Eduardo na direita, Joãozinho na esquerda, Batata no meio. Aos 18 minutos, Alcir rebateu mal uma bola, Perfumo deu a Eduardo que entregou na corrida para Nelinho. O chute saiu fortíssimo, enganando Andradinha: 1 a 1.

O Vasco não se abateu e continuou a atacar, com força redobrada. Aos 26, Roberto cobrou uma falta que raspou o travessão; aos 31, Roberto recebeu de Ademir, o goleiro saiu mal e ele passou a Zanata, que tentou colocar; Iarci salvou de cabeça. No minuto seguinte, Vitor falhou novamente e o Vasco fez o gol da vitória: Alcir entregou longo a Jorginho; o goleiro deixou o gol apavorado, perdeu a bola e o ponta-direita do Vasco, meio desequilibrado, chutou no gol vazio.

O Cruzeiro trocou Eduardo por Baiano, tentou reagir mas o Vasco tinha a cabeça no lugar e a bola corria de pé em pé. Aos 43 minutos, numa jogada rápida, I-irecu penetrou, tentou chutar, errou o chute e Zé Carlos entrou para marcar de cabeça. Armando Marques anulou, dando falta de Baiano em Alfinete, segundo alguns; toque, segundo outros; impedimento de I-irecu, na opinião de muitos. Mas o Vasco já estava comemorando o fim de tudo.

### Os times

**O Vasco:** Andradinha, Fidelis, Moisés, Miguel e Alfinete; Alcir e Zanata; Jorginho, Roberto, Ademir e Luis Carlos. Técnico: Mário Travaglini. **O Cruzeiro:** Vitor, Nelinho, Perfumo, Darci Menezes e Vanderlei; Piazza e Zé Carlos; Roberto Batata, Palhinha (Joãozinho), Dirceu Lopes e Eduardo (Baiano). Técnico: Hilton Chaves. Juiz: Armando Marques. Renda: Cr\$ 1.413.281,50; público: 112.936 pessoas. Gols de Ademir, Nelinho e Jorginho.

Os jogadores do Vasco colocavam a cabeça para fora do túnel para olhar os do Cruzeiro, que faziam a mesma coisa. Ao lado oposto, Armando Marques subia e descia as escadas para saber se um dos times já tinha entrado em campo. O jogo já estava com 15 minutos de atraso e cada um tinha seu motivo para não entrar primeiro em campo.

Armando Marques espera sempre o time local aparecer, para entrar em campo sem ser vaiado. Carmine Furlletti, nervoso, explicava que no Mineirão, seu time teve que esperar 16 minutos pelo Vasco e que, desta vez, não seria palhaço de ninguém. O Vasco queria esfriar o adversário e, também, seguir os conselhos do massagista Santana, conhecido por sua crença pela umbanda: quem entrasse primeiro, perderia a partida.

Com Vitor, Darci Menezes e Armando Marques, não era possível o Cruzeiro vencer. Era o que Perfumo comentava com os companheiros, logo que seu time voltou para disputar o segundo tempo. O goleiro estava com muito medo de jogar e Darci, nervoso demais. Mas o pior mesmo segundo Perfumo, era a arbitragem: — Armando é um ladrão que usa cartola e luvas brancas. Poucos estão percebendo como ele segura nosso time no meio do campo, apitando faltas de pouca importância, para dar tempo ao Vasco de voltar à defesa.

Belo Horizonte teve uma madrugada silenciosa, apesar dos 5 mil cruzeiros gastos em fogos de artifício por Ceu Azul Soares, relações públicas do Cruzeiro. Também as chopeiras, dezenas de garrafas de cerveja e visque encomendadas a firmas particulares, não mataram a sede de ninguém. O Cruzeiro não deu a sua festa organizada para começar às 23 horas quando todas as luzes do Barro Preto, sua nova sede social, e do velho estádio Juscelino Kubitschek seriam acesas.

Uma idéia de Zanata, acabou dando origem ao primeiro gol do Vasco. A defesa do Cruzeiro colocou-se muito bem, pois esperava que Zanata fosse bater a falta para Jorginho — colocado no ângulo da pequena área — tocar de cabeça para Roberto. Seria a repetição do gol que o Vasco fizera contra o Santos.

Quando viu os companheiros marcados, Zanata chamou Fidelis e deu-lhe um passe curto (Contra o Olaria, na fase de classificação, ele tinha feito um gol assim). Na sequência, Ademir acabou marcando: a defesa do Cruzeiro que esperava pela outra jogada, acabou sendo surpreendida. Enquanto comemoravam, Fidelis dizia a Ademir: — Esse gol era para ser meu.

A primeira advertência de Armando Marques, foi feita antes mesmo da partida começar. Muito agitado, o juiz aproximou-se de Palhinha e disse:

— Não adianta cair que não apitarei faltas em você.

Armando entrara em campo devidamente prevenido conversando com José Favilli Neto, um de seus auxiliares, no jogo de ontem, lembrou-se que ele tomara um soco de Everaldo, em Porto Alegre num penalti cometido sobre Palhinha.

No jogo que Cruzeiro e Vasco fizeram no Mineirão, Sebastião Rufino quase foi linchado pela torcida, porque não dera um penalti de Alcir no mesmo jogador.

Logo que Armando Marques anulou o segundo gol do Cruzeiro, que seria o do empate, alguns jogadores correram até o bandeirinha Oscar Scolfaro. Antes mesmo que reclamassem, ele foi dizendo a Baiano:

— Não tenho nada com isso. Para mim, o gol foi legal.

Houve muita confusão em campo. Alguns jogadores achavam que ele tinha dado impedimento de Dirceu Lopes, outros pensavam que fosse uma falta de Baiano em Alfinete e havia quem dissesse que Baiano tocara a bola com a mão. José Carlos Felix, que trabalhou como representante, também não conseguiu entender o que Armando marcou: — Só mesmo perguntando para ele.

## Vitor não estava predestinado a ser campeão

O goleiro Vitor, nunca pensou que ficaria tão triste com o resultado de um jogo como no de ontem, no Maracanã. Ele estava certo de que voltaria a Belo Horizonte com o título de Campeão Nacional:

— Eu não estava eufórico. Pelo contrário, estava calmo. Mas tinha certeza de que venceríamos o Vasco.

Cercado pelos companheiros que o consolavam, Vitor, só tinha uma explicação para a perda do título: a predestinação divina.

Sou católico e acredito em predestinação. Deus queria dar o título ao Vasco, por isso, no lance com o Jorginho a bola não foi para onde eu queria mandá-la: a lateral do campo.

Nelinho quebrou a tristeza do jovem goleiro, que aos 20 anos ganhou a posição, uma semana antes de começar o Nacional:

Vitor, deixa isso de lado. Você foi bem. Levanta a cabeça porque seu único defeito é paquerar as minhas namoradas...

Enquanto os jogadores do Cruzeiro reclamavam abertamente de Armando Marques pela anulação do gol de empate ("ele inventou um impedimento do baiano que o Scolfaro ao lado da jogada, não viu"), o vice-presidente de futebol, Carmine Furlletti, repetia a ladainha das críticas a CBD e a Antônio do Passo:

O segundo gol do Cruzeiro foi legal, mas a farsa tinha de terminar com o Passo queria: com a vitória do Vasco. Se ele teve força para manter o Paulo César na Seleção, como é que não teria força para dar o título ao seu clube no Rio?

Polido, cortês e realista, o técnico Hilton Chaves reconhecia:

Foi um grande jogo, que correu num clima de absoluta normalidade. O Armando Marques não influenciou em nada, a meu ver. O problema é que o Cruzeiro não jogou bem e por isso perdeu. O que não posso é desmerecer o Vasco, que jogou uma bonita partida.



Roberto e Jorginho contra Vanderlei; a raça do Vasco

## Jorge se distraiu e virou herói

Bigodinho ralo, barba por fazer, olhos de espanto e certa perplexidade, Jorginho Carvoeiro está encostado na parede do vestiário. A água corre pela torneira, pois há meia hora ele tenta tomar banho e não pode: está cercado por repórteres de rádio, televisão, jornal, torcedores, cartolas, uns embriagados, outros meio loucos a abrir garrafas de champagne.

O ídolo Jorginho Carvoeiro, 20 anos, não estava entendendo direito aquela glória. Logo ele, o mais humilhado, ridicularizado jogador do Vasco.

Só não é gênio aqui. Em Paris, tem tanta fama quanto Garrincha — diz Coronel, ex-lateral-esquerdo do Vasco, auxiliar do técnico Mário Travaglini.

Coronel é quem manda Jorginho treinar, pede para ele não tomar tanto refrigerante, tem que manter seu peso em 65 quilos. O máximo que conseguiu foi 65 quilos, o peso de ontem à noite. A glória parisiense é antiga, concorda Coronel (aconteceu em 70, quando Jorginho estava na Seleção Olímpica) mas seu menino devia ser mais respeitado: — Quando ele pega a bola de jeito, não há lateral que o segure. E não adianta meter o pé. O lateral precisa ser técnico, tentar a antecipação.

(Ontem, Jorginho estava num de seus dias mais parisienses.)

Jorge Vieira é vivo, assim dentro do campo. Fora, é desligado, não se importa com as coisas. No dia de finados de 1972, o Vasco ia jogar contra o Grêmio em Porto

Alegre. No vestiário todos os jogadores cantaram "parabéns pra você". Alguém explicou:

— É que o apelido dele é "Já Morreu". Mas nasceu em Castelo, Espírito Santo. Aos 3 anos, orfão de pai e mãe, veio morar com uma tia em Bangu. Menino de rua, com 12, 13 anos, trabalhava numa garagem de bicicletas e sempre ajudava seu amigo Ademir (o número 9 do Vasco de ontem à noite) a carregar carvão para os fregueses do bairro. Carvoeiro era Ademir. Jorginho apenas empurrava o carrinho por solidariedade. Hoje, Ademir é Ademir, Carvoeiro é Jorginho, e ele nunca se conformou com essa injustiça.

Garoto de peladas, foi para o juvenil do Bangu e no princípio de 1972 estava no Vasco, emprestado. O empréstimo custou 40 mil cruzeiros e durou três meses. Depois, o Vasco achou que ele valia a pena e pagou mais 260 mil pelo seu passe. A torcida marcou logo aquele "Vaca Brava" que tentava jogar na posição do Sabará, do grande Tesourinha. Jorginho entrava em campo com medo, não lia jornal antes nem depois das partidas. E, a cada dia, o apelido de "Já Morreu" era mais justo.

Um dia, como prova absoluta de deficiência, ele comprou um carro e não tinha carteira de motorista. Bateu, o guarda pediu os documentos, ele entregou a carteira do Vasco. Foi preso mas ninguém noticiou. Afinal, só ontem é que ele passou a ser uma glória de São Januário.

## VASCO

**Andradinha**  
Não foi muito exigido durante o tempo inteiro. Poderia ter defendido o chute de Nelinho. Nota 6.

**Alfinete**  
Mostrou como faz falta ao time. Marcou bem, apoiou com consciência e lutou demais. Nota 8.

**Roberto**  
Jogou meio abandonado na frente mas é sempre um perigo para a defesa. Nota 7.

**Fidelis**  
Um dos grandes nomes da defesa e do jogo. O primeiro gol saiu de seus pés. Defendeu e atacou. Nota 9.

**Zanata**  
Andou meio perdido por causa da movimentação do meio-campo do Cruzeiro. Mas lutou muito. Nota 7.

**Ademir**  
Fez o gol mas não repetiu a boa atuação de domingo passado. Mas é rápido e inteligente. Nota 7.

**Miguel**  
O maior jogador em campo. Perfeito na cobertura a todos os companheiros. Dominou o jogo. Nota 10.

**Alcir**  
Comandou o time, esteve em todos os lugares do campo. Foi um dos melhores. Nota 9.

**Luis Carlos**  
Um dos melhores da partida. Correu, driblou, ajudou a defesa. Nota 9.

## CRUZEIRO

**Vitor**  
Ficou nervoso com a responsabilidade. O gol da vitória do Vasco foi prova disso. Nota 5.

**Vanderlei**  
Só com pontapé conseguiu parar Jorginho. Lento e dispersivo, não apoiou o ataque. Nota 3.

**Palhinha**  
Jogou mal, sem saber fugir da marcação de Moisés. Nota 3. Joãozinho: nada fez. Sem nota.

**Nelinho**  
O melhor do time, apesar de marcar Luis Carlos. Apoiou com perfeição e marcou um golaço. Nota 8.

**Piazza**  
Lutou bastante, procurou comandar o time, mas não repetiu o futebol de domingo contra o Santos. Nota 5.

**Dirceu Lopes**  
Ágil e veloz, mas sem conseguir penetrar na defesa do Vasco. Foi bem marcado por Alcir. Nota 6.

**Perfumo**  
Sobrecarregado pela fragilidade de Darci ainda conseguiu fazer boas jogadas e mostrar sua classe. Nota 6.

**Zé Carlos**  
Muito bem marcado, tentou os deslocamentos mas não foi bem na partida. Não teve espaço. Nota 5.

**Eduardo**  
Bem marcado por Fidelis, só fez o passe do gol. Nota 4. Baiano: nada fez. Sem nota.

**Darci Menezes**  
Muito fraco complicando a defesa a todo instante. Culpado pelos dois gols do Vasco. Nota 3.

**Roberto Batata**  
O mais perigoso atacante do Cruzeiro, deslocando-se com perfeição, apesar da marcação. Nota 7.

# O campeão de 15 milhões de cruzados

Só com Bebeto, seu craque milionário, o Vasco gastou quase a metade disso: 7 milhões de cruzados. O único que não deu certo foi Andrade, que vai embora.

O investimento em Bebeto (NCz\$ 7 milhões) foi o maior. Mas o Vasco investiu mais, muito mais, para formar o time que a torcida chama carinhosamente de "Sele-Vasco". Mesmo sem revelar o total dos gastos nas contratações — preço do passe e salários — os dirigentes do Vasco garantem que saíram dos cofres do clube, mais de NCz\$ 15 milhões. E que valeu a pena.

Bebeto foi a jogada mais ousada do Vasco e motivo da crise no relacionamento, nunca ameno, com seu principal rival, o Flamengo. Utilizando parte do dinheiro da venda de Geovani, para o Bolonha, foi tirar o craque do Flamengo com uma proposta irrecusável: NCz\$ 7 milhões pelo passe, mais NCz\$ 60 mil, na época (julho) de salário. Bebeto aceitou e o Flamengo esperneou.

Mas não foi só. O clube foi buscar o lateral-direito Luís Carlos Winck, no Internacional, por NCz\$ 900 mil; investiu mais NCz\$ 600 mil em Marco Antônio Boiadeiro, do Guarani; US\$ 300 mil em Quiñones, zagueiro da Seleção Equatoriana que se destacou na Copa América; e US\$ 70 mil em Andrade, que acabara de sair do Roma. Além desses reforços, o clube alugou o passe de Tato, que pertence ao próprio jogador, mas não divulgou o valor. Tita, que veio do Pescara, também teve o montante envolvido em sua contratação camuflado, mas sabe-se que o clube investiu cerca US\$ 300 mil. Investimento plenamente recompensado, segundo o vice-presidente de Futebol, Eurico Miranda, que recusa-se a admitir a possibilidade de se desfazer de qualquer um dos jogadores, com exceção de Andrade, no momento. Andrade, que já saía desacreditado do Roma, onde foi um reserva de luxo, hoje está esquecido no Vasco e nem sequer foi relacionado para o banco de reserva na final com o São Paulo.

No clube, os dirigentes preferem não comentar a má fase do jogador, que tem seus dias contados. Querem, na realidade, é enaltecer Bebeto. Idolatrado, o ex-craque do Flamengo tão cedo não sairá de São Januário, se depender dos "cartolas".

O Bebeto não foi comprado para ser vendido. Muitos clubes anunciam sua contratação, como aconteceu com o Nápoli, mas é tudo mentira. Ele ainda tem muito a oferecer ao Vasco. Estamos satisfeitos porque o dinheiro gasto está sendo recompensado com gols e um futebol excepcional — vagloria-se Eurico Miranda.

Com tantas contratações, era natural que o Vasco formasse um time importado. Mas não foi o que aconteceu. Há equilíbrio. Dos titulares, Marco Aurélio, Mazinho, Bismarck, Sorato e William foram revelados nas categorias inferiores. Os demais vieram de fora. Acácio foi comprado ao Serrano, do Rio, em 82; Vivinho chegou em 85, do Uberlândia; Zé do Carmo foi contratado ao Santa Cruz, em 85; Tita, Luís Carlos Winck, Quiñones e Bebeto desembarcaram em São Januário este ano.

## Sorato: rápido, oportunista. E ele jogava vôlei.

Nunca Sorato poderia imaginar que o seu aprendizado no vôlei iria ajudá-lo no futebol. Desde menino, em Araras, o garoto Guina, apelido de infância de Agnaldo Luís Sorato, dividia seu tempo entre as peladas no bairro Cândida, com os jogos de vôlei, no Colégio Coronel Cesário Coimbra. Com 15 anos, Sorato jogava como ponta-direita ou centroavante na várzea de Araras e disputava torneios colegiais de vôlei, onde melhorava sua impulsão.

Em 86, Sorato viajava três vezes por semana para treinar no Lemense e jogar pelo seu time juvenil. Apesar de baixo, era rápido, tinha força nas cabeçadas e, aos poucos, demonstrava intimidade com o gol. Este senso de oportunismo chamou a atenção do olheiro Léo, um carioca que já foi jogador de futebol profissional em times da região e que sempre aparecia à procura de algum talento. Logo que viu Sorato fazer dois gols em um coletivo, tratou de convidá-lo para realizar testes no Vasco da Gama.

Sorato demorou duas semanas para convencer os pais da importância destes testes para a sua vida esportiva. Mas, em São Januário, foi rapidamente aprovado e, em 87, estava integrado ao time de juniores. O Lemense não criou obstáculos e Sorato foi liberado.

As primeiras oportunidades no time profissional aconteceram em 88, quando era lançado no final das partidas e sempre marcava gols com requintado senso de oportunismo. Neste ano, o menino de Araras não estava sendo aproveitado. No início do Campeonato Brasileiro, chegou a desanimar, acreditando que não teria grandes chances no time que havia feito altos investimentos e, por isso, preferia ser emprestado ou vendido ao final da temporada. Sua história começou a mudar quando marcou um gol de cabeça no final da partida contra o Botafogo. O Vasco conseguiu um empate de dois a dois. Contra o Corinthians, outro gol de cabeça decisivo e vitória de um a zero. Finalmente, na final contra o São Paulo, outro gol de cabeça e o título.

Brasil de Oliveira



Bebeto: o investimento e o retorno — em forma de título brasileiro.



Vasco: um time milionário, que começou mal e depois rumou ao título com a melhor campanha.

## MUITO OBRIGADO, FLAMENGO!

A justiça, mais que a generosidade, nos manda a nós, vascaínos, atribuir alguma cédula do título de campeão brasileiro de 1989 ao Flamengo. No dia 5 de novembro último (talvez seja mais apropriado dizer novembro morto e enterrado), o supracitado nos humilhou profundamente, ganhando por 2 a 0. Teria sido aquela a luminosa festa de Bebeto, não tivesse o destino atravessado Bujica no caminho dos vascaínos.

Naquele dia de mísera e hoje ociosa lembrança, me prostrei de joelhos no chão de minha enlutada sala de troféus e bradei: "Somente o título de campeão será capaz de apagar de nossa história a sombra dessa vergonha!"

É em momentos assim, quando a vida nos sonega a alegria, que o vascaíno nascido e criado no seio do mais saudável fanatismo se abraça ao passado. A camisa do Vasco tem o poder de marcar reencontros do torcedor com seus mais caros fantasmas. De repente (e já escrevi acerca de

tal fenômeno), empalidecem as figuras do presente — Bebeto, Bismarck, Sorato, Tita — e desfila diante de nossos olhos e time imortal da infância jamais perdida.

É então possível à paixão enxergar novamente Tesourinha, Maneca, Helene de Freitas, Ademir e Chico, heróis de uma equipe inesquecível, nesse doce e sempre renovado embalo da fantasia. Recordo hoje a decisão de 1974. Eu era redator de esportes aqui mesmo no Jornal da Tarde e a mim me coube, como se fora um presente, "cobrir" Vasco X Cruzeiro, na batalha final do Maracanã. Éramos equipe modesta. Roberto Dinamite iniciava carreira gloriosa; pela ponta-esquerda esgueirava-se o autor do gol da vitória, Jorginho, apelidado Carvoeiro, humilde e oprimido suburbano a quem elegi meu personagem.

Acompanhava-me naquela prazerosa missão o já venerando repórter Sérgio Baklanos. Quando o jogo terminou, 2 a 1 para o Vasco, ele se aproximou, pôs a mão em meu ombro. "Esse tal de Carvoeiro,

hein?", comentou. Eu respondi: "Carvoeiro? Que Carvoeiro?" Baklanos não imaginava, é claro, mas abraçava um amigo que, naquele instante, estava bem longe dali, no tempo e no espaço. Em minuto algum daquele jogo divisei em campo Carvoeiro ou Dinamite, mas Tesourinha e Helene. Muito conversamos sobre essa, digamos, regressão, ali, nos corredores do estádio em festa, e mais tarde, num bar do Leme, acompanhados do técnico Mário Travaglini e do goleiro Andrade, os campeões.

Agora, quinze anos depois, a sensação é semelhante. Sábado à tarde pude rever, vestindo a mesma camisa negra que me contentava a meninice, o perfil guerreiro de Ademir Menezes a cabecear para as redes do São Paulo. Infelizmente, talvez não seja assim que se fazem todas as vitórias mas é sem dúvida dessa forma que se alimenta uma paixão.

## O novo projeto: "fabricar" craques.

O futuro do Vasco começa a ser materializado a partir de janeiro, numa área de 200 mil metros quadrados, na estrada Rio-Petrópolis, quando o Pólo de Desenvolvimento de Craques — uma espécie de Vila Olímpia — sai do papel para a realidade. É ali, movimentando grande parte do dinheiro aplicado após a venda de craques como Geovani e Romário, que o Vasco pretende construir o complexo esportivo que abrigará todas as divisões amadoras.

— Pensamos na frente — diz Isaias Tinoco, 36 anos, supervisor do futebol amador e um dos principais responsáveis pelo trabalho que vem sendo realizado nas categorias inferiores do Vasco. Jogadores como Bismarck, Romário, Geovani, Sorato, Marco Aurélio, Mazinho e outros são um estímulo para esse projeto, segundo Tinoco, pois refletem o que há de mais expressivo no trabalho de preparação dos futuros craques.

O Vasco investe no momento 10% do orçamento do futebol profissional nas categorias inferiores, mas a tendência é triplicar esse percentual quando o Pólo de Desenvolvimento estiver concluído. O dinheiro é distribuído pelos diversos núcleos que o clube tem espalhados pelo País, cerca de 30, de onde recebe os craques.

Geralmente os jogadores começam a ser encaminhados para São Januário no início do ano. Outros são revelados no futebol de salão, outra via utilizada pelo Vasco para catar futuros craques, como aconteceu com Bismarck, hoje titular absoluto da equipe profissional e nome certo na Seleção Brasileira. Bismarck começou no futebol de salão e depois foi transferido para o futebol de campo. "No Vasco, a ligação entre os dois esportes é estreita", explica Tinoco.

Com Romário e Geovani foi diferente. Romário veio ainda garoto do Espírito Santo, onde o Vasco tem um dos seus núcleos, e logo chegou ao estrelato. Geovani veio mais velho, numa fase intermediária, como define Tinoco. No Vasco, onde hoje atuam aproximadamente 300 atletas, sendo que apenas 49 moram na Pousada do Almirante, esses jogadores mirins recebem total assistência.

— Primeiramente vemos se o jogador se adapta à filosofia do clube. Depois, passa por uma completa avaliação médica e física, começando em seguida os treinos físicos, técnicos e coletivos. Nesse período ele passa a receber assistência social, que consiste na parte de nutrição e dietética, psicologia e estudos — explica Tinoco.

O Vasco sempre revelou craques, mesmo quando não tinha ainda uma estrutura no Departamento Amador, como Roberto Dinamite, Mazaropi, Alcir etc., mas hoje é todo diferente. Se antes aparecia um ou dois jogadores por ano, hoje eles chegam em grupos, ressalta Tinoco.

A expectativa para a preparação de cada jogador no Vasco é de seis anos. Eles chegam ao clube a partir dos 13 anos e atingem, o time profissional aos 20 ou antes, dependendo do potencial ou da vontade do treinador.

Sebastião Reis

## Melhor time, melhor campanha. O Vasco deu certo.

Mesmo sem ter sido brilhante, talvez pelo excesso de cobrança a uma equipe que se investiu do apelido de "Sele-Vasco", por ser a base da Seleção Brasileira, o Vasco chegou à final do Campeonato Brasileiro com a melhor campanha, um ponto de bonificação e o direito de escolher o local do primeiro jogo. Em 18 jogos venceu oito, empatou oito e perdeu dois, conquistando 24 pontos e perdendo 12. Marcou 26 gols e sofreu 16. Seu artilheiro é Bismarck com oito gols, seguido de Bebeto, com seis.

O Vasco deu sinais na primeira fase de que chegaria facilmente à final, mas não conseguiu manter-se estável. E entrou em declínio, principalmente na segunda fase, quando só conseguiu três vitórias (duas a menos que na primeira), e quase foi atropelado pelo Palmeiras.

Essa instabilidade da equipe provocou princípios de crise, como a que agitou São Januário após a derrota para o Flamengo, na segunda fase, por 2 a 0, e que quase derrubou o técnico Nelsinho. As últimas vitórias na segunda fase, sobre Corinthians e Internacional de Porto Alegre, serviram para alterar o panorama e dar um novo ânimo ao time.

Na 1ª fase, o Vasco venceu cinco jogos (1 a 0 no Cruzeiro, 2 a 1 no Santos, 4 a 1 do Goiás, 3 a 1 no Grêmio e 1 a 0 no Sport), empatou 1 a 1 com Coritiba, 2 a 2 com Bahia, 0 a 0 com Vasco e 0 a 0 com Portuguesa, e perdeu um (1 a 0 para o Palmeiras).

O declínio na segunda fase não foi suficiente para tirar o Vasco do páreo. Venceu três jogos (4 a 2 no Náutico, 1 a 0 no Corinthians e 2 a 2 no Internacional), perdeu um (2 a 0 para Flamengo) e empatou quatro (0 a 0 com São Paulo, 2 a 2 com Inter de Limeira, 2 a 2 com Botafogo e 1 a 1 com Atlético Mineiro).

Moacir Japiassu

5.

**SIDRACK:  
ATUAÇÃO  
APROVADA**

**Por paulistas e cariocas**

O juiz Sidrack Marinho, árbitro da partida entre Palmeiras e Vasco, não poderia ter realizado uma apresentação melhor. A atuação do juiz na final do Campeonato Brasileiro não foi criticada por dirigentes de Palmeiras e Vasco.

Sidrack está brigando com o favorito Márcio Rezende de Freitas por uma vaga na Copa do Mundo da França. A boa exibição no jogo de ontem serviu para diminuir a desvantagem de Sidrack para Márcio.

— Não tenho nada a dizer sobre a arbitragem — disse o meia Alex, do Palmeiras. “Acho que não podemos falar nada sobre o árbitro. Ele não interferiu no resultado da partida”, comentou Oséas.

Durante toda a partida, Sidrack deu apenas um cartão amarelo. Aos 18 minutos do segundo tempo, Edmundo trombou dentro da área com o goleiro Velloso. Por pouco, o experiente jogador do Palmeiras não partiu para a agressão sobre o atacante vascaíno. Sidrack chamou Edmundo e apresentou o cartão. “O que aconteceu com o Edmundo faz parte do jogo. Não tenho outra coisa para dizer sobre o que aconteceu”, explicou Velloso.

O saldo das arbitragens das finais do Campeonato Brasileiro não poderia ser mais positivo. No primeiro jogo, realizado no Morumbi, o árbitro goiano Antônio Pereira da Silva também recebeu elogios da Comissão de Arbitragem da CBF.

Na final de 1995, entre Santos e Botafogo, Márcio Rezende de Freitas teve uma das atuações mais irregulares de sua carreira, provocando a revolta dos santistas.

**Viola** — O atacante foi vítima de um traumatismo facial de grau moderado, segundo o médico do Palmeiras, Rubens Sampaio, que garantiu que o jogador não corre riscos mais sérios. Atingido pelo meia Naza na disputa de uma jogada na área do time carioca, Viola teve fratura na camada do osso que envolve o globo ocular e ficará em observação durante 24 horas no Hospital São Lucas, em Copacabana, onde chegou às 20h10m.

Sentindo dores, mas consciente, o jogador foi submetido a uma tomografia computadorizada. De acordo com Sampaio, Viola ficou sonolento após o incidente, mas não perdeu os sentidos. Várias vezes pediu um telefone celular para falar com a família.

Informações da direção do hospital e dos médicos do Palmeiras indicavam que parentes do atacante estariam se deslocando de São Paulo para o Rio para acompanhar o seu tratamento. **(V.M.)**

**“ NÃO TENHO NADA A DIZER SOBRE ARBITRAGENS. O JUIZ NÃO TEVE INFLUÊNCIA NO RESULTADO DA PARTIDA. ACHO QUE NÃO PODEMOS RECLAMAR ”**

(Alex)

**“ QUANDO SUBI PARA CABECEAR, AOS 44 MINUTOS, DENTRO DA GRANDE ÁREA, TIVE UMA CERTEZA: ERA O GOL DO TÍTULO ”**

(OSÉAS)

# DOIS JOGOS, NENHUM GOL. E O TÍTULO

O VASCO FOI CAMPEÃO BRASILEIRO DEPOIS DE 180 MINUTOS EM QUE O PALMEIRAS FOI SEMPRE O MELHOR, MAS MOSTROU SUA DIFICULDADE EM FAZER GOLS



Edmundo seguido por Cléber: o único a causar perigo ao gol de Velloso

O Campeonato Brasileiro acabou com a torcida do Vasco comemorando o título depois de 180 minutos de futebol sem um simples gol. Os vascaínos entupiram o Maracanã e gritaram o nome daquele jogador que foi a síntese de toda a competição: Edmundo, o astro que quebrou o recorde da artilharia da história do campeonato marcando 29 gols e só jogou a última partida da decisão protegido por uma farsa do Tribunal Especial da CBF, sob a presidência de Luiz Cláudio Bezerra de Menezes e a complacência de Ricardo Teixeira, presidente da entidade.

A festa foi mesmo de Edmundo. O Maracanã passou os 90 minutos do jogo de ontem embalado pelo grito “Ah, é Edmundo!”. Tudo o que o Vasco fazia ou pensava tinha como destino o craque do time e talvez o único do campeonato. As ações do time carioca dependiam da virtude dele.

E foi com Edmundo que o time do Rio começou a perturbar o Palmeiras. Em duas de suas investidas, o Vasco esteve para marcar dois gols antes dos dez minutos de jogo. Depois, o Palmeiras corrigiu a marcação sobre o atacante e tomou conta do jogo.

Usando as jogadas pelas laterais, em especial pelo setor direito, o time de Scolari fez do Maracanã o seu território, embalado por uma esforçada e atuante torcida contada em mais ou menos 5 mil torcedores. O único problema do Palmeiras: a incompetência de seus atacantes, e até dos meias, na finalização ao gol. Chances não faltaram, sobrou falta de pontaria.

Quando o chute saía certo, Carlos Germano impedia o gol. Foi assim durante boa parte do primeiro tempo. E foi assim até os 15 minutos do segundo tempo, quando Ed-

**Faltou pontaria**

PARA O TIME DE FELIPÃO

mundo aprontou das suas e quase marcou o gol da consagração. Foram duas tentativas que terminaram em confusão e com o Palmeiras se salvando.

Depois da balbúrdia do craque, a equipe paulista reagiu de novo e por pouco não fez o gol que daria o título. Júnior chutou cruzado e Germano defendeu, aos 21. No finalzinho, Oséas, de cabeça, perdeu a última chance. A bola caiu nos braços de Germano e pareceu que dali não sairia nunca mais. Depois de uma cena do goleiro, ele repôs a bola em jogo.

Foram apenas mais alguns segundos, até Sidrack Marinho colocar um ponto final na história — a história de Edmundo.

O centro de todas as polêmicas saiu de campo ouvido quase cem mi vozes gritando o seu nome. “Ah, é Edmundo”, cantou a torcida do Vasco. E continuou reverenciando seu craque noite adentro.

A torcida do Palmeiras deu a sua resposta. Viu seus jogadores entrando correndo de raiva nos vestiários, mas continuou gritando o nome do clube.

“Destá vez não deu”, disse Scolari, que perdeu a chance de ser bicampeão brasileiro. “No ano que vem, quem sabe o título será nosso”, afirmou.

**Luiz Antônio Prósperi**

**FICHA TÉCNICA**

**Vasco**  
Carlos Germano (8), Valber (4), Odvan (7), Mauro Galvão (6) e Felipe (7); Luisinho (5), Nasa (6), Juninho (5/Pedrinho,5) e Ramon (5/Alex,s/n); Edmundo (6) e Evair (4/Nelson,4)

**Técnico:** Antônio Lopes (5)

**Palmeiras**  
Velloso (7), Pimentel (4), Roque Júnior (6), Cléber (6) e Júnior (5); Rogério (7), Galeano (4/Marquinhos,4), Alex (4/Oséas,4) e Zinho (7); Euler (6) e Viola (4/Cris,s/n)

**Técnico:** Luis Felipe Scolari (4)

**Juiz:** Sidrack Marinho dos Santos, atuação irregular  
**Cartões amarelos:** Edmundo e Zinho  
**Local:** Maracanã ontem à tarde

## GOLEIRO BARROU SONHO DE OSÉAS

Atacante sonhou por sete dias que faria o gol do título, de cabeça. Carlos Germano impediu, aos 44 do segundo tempo

Oséas estava angustiado no banco de reservas do Palmeiras. O atacante desejava entrar em campo para cumprir um objetivo pessoal. Segundo seus sonhos das últimas sete noites, o gol do título do Palmeiras sobre o Vasco deveria ser marcado por ele mesmo. E de cabeça. Oséas finalmente entrou na partida, na metade do segundo tempo. O sonho? Não se realizou por culpa do goleiro Carlos Germano.

— Quando subi para cabecear, aos 44 minutos da partida, dentro da grande área, tive uma certeza: esse será o gol do título! Estava tudo perfeito. A minha impulsão, o tempo da bola, a distância para o gol. Não tinha como errar. Não acreditei quando o Carlos Germano defendeu — explicou o atacante, frustrado.

Foi um dos momentos mais tristes da carreira de Oséas. O jogador ajoelhou-se dentro da área e por lá ficou mais de um minuto, imóvel, incomformado com a defesa do goleiro adversário. Depois, Oséas levantou-se, olhou para o treinador Luiz Felipe Scolari e abriu os braços. Felipão só teve

condições para responder: “Vamos lá, vamos tentar novamente.”

Oséas passou as mãos na cabeça, criou coragem e retornou ao centro do gramado. Mas não dava tempo para absolutamente mais nada. O atacante já sabia disso. Ele acabava de perder o gol mais importante da sua vida.

— O Carlos Germano estava em um dia inspirado. A bola não entrou de maneira alguma. Perdi a cabeça, o Alex também levou azar em duas bolas. Não podemos acreditar. Jogamos melhor que o Vasco no Maracanã, mas perdemos o título — explicou o centroavante.

Oséas ainda criticou o comprometimento da final do Campeonato Brasileiro com o Tribunal da



O Palmeiras pressionou durante todo o jogo, mas foi contido pelo goleiro Carlos Germano

CBF. Todo o escândalo envolvendo a participação do atacante Edmundo não provocou pânico nos jogadores do Palmeiras, mas serviu para deixá-los revoltados com a atual estrutura do torneio brasileiro.

— Ninguém estava com medo ou nervoso porque o Edmundo estava em campo. Mas estamos certos de que o Campeonato Brasileiro caiu muito em credibilidade depois de tudo isso”, disse Oséas.

Oséas culpou, principalmente,

a influência de Eurico Miranda, vice-presidente de Futebol do Vasco, sobre o futebol nacional. “Você quer saber a verdade? Todos nós jogadores já sabíamos que o Edmundo entraria em campo. Era certo para nós. O Eurico Miranda manda em tudo mesmo. Não podemos fazer nada sobre isso”, explicou.

Apesar da derrota, Oséas acredita que o Palmeiras está no caminho certo com Luiz Felipe Scolari no comando. O próximo ano, segundo o atacante, será vitorioso para o Palmeiras: “É lógico que não estamos contentes agora. Lutamos para conquistar o título mais importante do País e perdemos. Mas tudo isso não acabou com a confiança do Palmeiras. A equipe provou que é uma das mais fortes do mundo”, explicou Oséas. Todo o elenco do Palmeiras viajou ontem à noite para São Paulo. Hoje, pela manhã, os jogadores se reparam no Centro de Treinamento da Barra Funda. “Depois, férias. Nós merecemos”, comentou Oséas.

**Vinicius Mesquita**

**Todos os campeões**

Ano	Vencedores	Artilheiros
1971	Atlético-MG	Dario (Atlético-MG), 15 gols
1972	Palmeiras	Dario (Atlético-MG) e Pedro Rocha (São Paulo), 17 gols
1973	Palmeiras	Ramón (Santa Cruz), 21 gols
1974	Vasco	Roberto Dinamite (Vasco), 16 gols
1975	Inter-RS	Flávio (Inter-RS), 16 gols
1976	Inter-RS	Dario (Inter-RS), 16 gols
1977	São Paulo	Reinaldo (Atlético-MG), 28 gols
1978	Guarani	Paulinho (Vasco), 19 gols
1979	Inter-RS	César (América-MG) e Roberto César (Cruzeiro), 12 gols
1980	Flamengo	Zico (Flamengo), 21 gols
1981	Grêmio	Nunes (Flamengo), 16 gols
1982	Flamengo	Zico (Flamengo), 21 gols
1983	Flamengo	Serginho (Santos), 22 gols
1984	Fluminense	Roberto Dinamite (Vasco), 16 gols
1985	Goritiba	Edmar (Guarani), 20 gols
1986	São Paulo	Careca (São Paulo), 25 gols
1987	Flamengo	Müller (São Paulo), 10 gols
1988	Bahia	Nilson (Inter-RS), 15 gols
1989	Vasco	Túlio (Goias), 11 gols
1990	Corinthians	Charles (Bahia), 11 gols
1991	São Paulo	Paulinho (Santos), 15 gols
1992	Flamengo	Bebeto (Vasco) 18 gols
1993	Palmeiras	Guga (Santos), 14 gols
1994	Palmeiras	Túlio (Botafogo) e Amoroso (Guarani), 19 gols
1995	Botafogo	Túlio (Botafogo), 23 gols
1996	Grêmio	Paulo Nunes (Grêmio) e Renaldo (Atlético-MG), 16 gols
1997	Vasco	Edmundo (Vasco), 29 gols

